

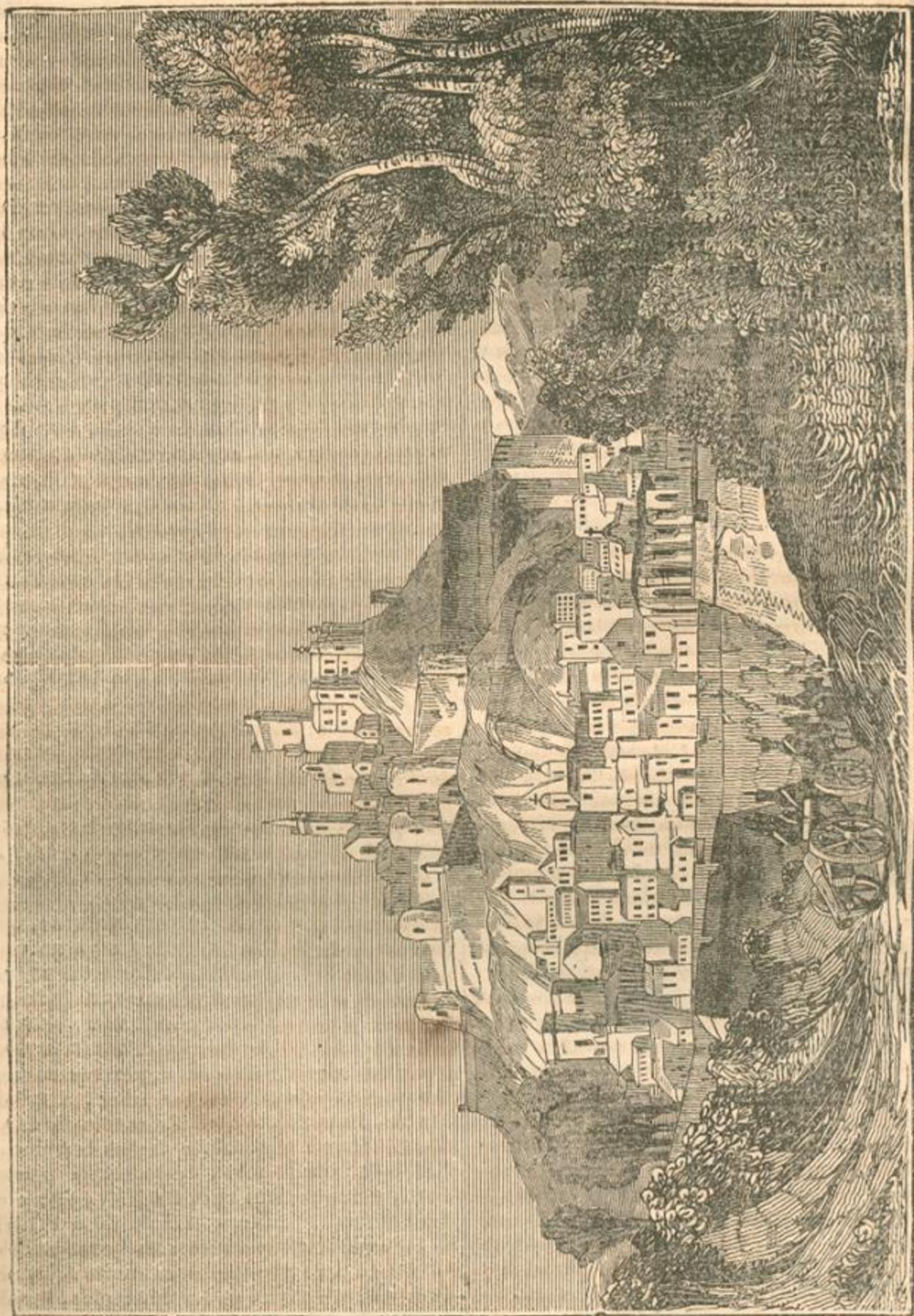
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

111)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 15, 1839)



A VILLA D'ESTREMOZ.

Não é facil de averiguar a etymologia do nome de Estremóz. Querem alguns que seja uma corruptela da palavra = tremozos =, pela grande abundancia de tremoceiros que os povoadores primitivos encontraram naquelle sitio; e fundam-se em que o braço d'armas da villa é um pé desta planta. Parece porém mais natural que este nome tivesse a mesma origem que o das duas Estremaduras, por estar fun-

Vol. III.

dada a povoação nos *extremos* ou fronteira de Portugal com o reino visinho. Não é menos incerta a data da fundação; o P.^o Carvalho, que a pesquisou, não tendo achado que os geographos antigos della fizessem menção, assenta que elrei D. Affonso 3.^o a mandára povoar em 1258, concedendo-lhe os mesmos foros e privilegios de Santarem. Porém o seu foral, doado por elrei D. Manuel, é datado de 10

de Junho de 1512. O mesmo D. Afonso a fortificou, e mandou erigir o castello na eminencia, que foi o nucleo da povoação da villa, que hoje póde considerar-se dividida em alta e baixa; por quanto começando no monte [como tiveram origem quasi todas as povoações para serem mais defensaveis contra as correrias d'inimigos] e estendendo-se bastante para a banda do occidente, se foi dilatando por uma planicie que fica para o norte; e nesta parte está, como diz o já citado Carvalho, Corog. Port. Tom. 2.º pag. 443, — "um formoso terreiro, cercado de conventos e casas nobres, e no fim delle um chafariz com oito bicas e um formoso tanque quadrado e mais dois pequenos com muitas fontes perennes com tanta copia de christallinas aguas, que com suas correntes, para a parte do occidente, se regam fresquissimas hortas por grande espaço, e excellentes veigas, com que a villa se engrandece, além dos muitos oliveas que a cercam das outras partes, e a fazem abundante de todos os fructos." — Resulta que a villa é uma das mais aprasiveis e sadias do Alemtejo, e fertil o seu territorio.

Extremóz foi depois fortificada ao moderno, tida em conta de praça forte, e de summa importancia nas guerras da independencia contra Castella, depois da gloriosa aclamação do Sr. rei D. João 4.º: nas suas visinhanças ganharam as tropas portuguezas a assignalada victoria de Montes Claros, sob o commando do marquez de Marialva e do marechal de Schomberg, em 1665.

Na torre de menagem do antigo castello teve el-rei D. Diniz temporariamente o seu paço, onde falleceu sua mulher, a rainha S.ª Isabel, filha de Pedro 3.º d'Aragão, e que foi o mais insigne exemplar das virtudes christãs e domesticas: por isso ahi erigiram uma ermida de sua invocação.

Extremóz dista 6 leguas NE. d'Evora, a cuja comarca pertenceu, e hoje faz parte do districto administrativo do mesmo nome: encerra tres freguezias, St.º André, St.ª Maria do Castello, e S. Thiago, que eram priorados da Ordem de S. Bento d'Aviz, com 1:823 fogos e 6:577 almas, e casa da misericordia com hospital. Tinha 4 conventos de frades de religiões diversas, e o de S. João Baptista, de religiosas da Ordem Militar de Malta; além destes, o de St.º Antonio de capuchos da provincia da Piedade, extra-muros, fundado em 1662. O termo do concelho desta villa comprehende 10 freguezias ruraes, com 1:014 fogos, e 4:434 visinhos. — As feiras d'Extremóz fazem-se a 25 de Julho e a 30 de Novembro.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA POR M. M. FRANZINI.

Novembro de 1833.

Temperatura média das madrugadas	53 ⁰	[9 ⁰ $\frac{1}{4}$ R].
D. ^a ás horas de maior calor	63	[14].
D. ^a média do mez	53	[11 $\frac{1}{2}$].
Variação média diurna de temp. ^a	10	[4 $\frac{1}{2}$].
Maior variação diurna	15	[7] a 10.
Menor	1	[$\frac{1}{2}$] a 3.
Maior fr.	44 ⁰ [5 $\frac{1}{2}$]	a 12. — Maior cal. 71 [17 ⁰] a 17.
Barometro. — Maior altura	758,5	[29,86] a 30.
Menor	743,2	[29,26] a 28.
Média	750,2	[29,54] —

Estado da atmospheria. — Foi extremamente chuvoso este mez, caíndo 160 mill.^{os} [6 P] de agua em 23 dias, contando-se apenas 7 dias enxutos, do que se infere que a chuva deste mez excedeu ao duplo da quantidade média que lhe competia, deduzida dos 14

annos observados. — Foi egualmente mais quente dois gráus comparado ao calor médio deduzido das mesmas observações, pelas quaes resulta ser a sua temperatura normal de 56⁰, ou ainda um pouco mais elevada do que aquella que compete ao mez de Março, que é de 55⁰,6 [10⁰ $\frac{1}{2}$], phenomeno notavel, que egualmente tem lugar em París e S. Petersburgo; ainda que na nossa latitude, os dias médios de Março, ou o tempo que o sol está sobre o horisonte, excedem 1 h. e 52 min.^s aos dias de Novembro. A temperatura, ou calor, que se experimenta em Lisboa neste mez, é a mesma que compete em París ao mez de Maio, e em S. Petersburgo ao mez de Junho. Foi egualmente mui ventoso, soprando ventos violentos dos quadrantes de SO. e NO., nos dias 3, 4, 6, 7, 8, 12, 16 a 24, e 27 a 30. — A 21 e 28 houve tempestade de travessia.

Observações de Cintra. — A temperatura média no sitio da Trindade foi, com pouca differença, igual á de Lisboa, consistindo a maior differença dos dois climas nas quantidades relativas da chuva. A avultada quantidade recolhida no pluviometro de Cintra, confirmou o que já annunciámos nas observações de Outubro. — Houveram naquelle sitio 28 dias de chuva, que produziu a enorme quantia de 496 m. [13 $\frac{1}{2}$ P] ou ainda um pouco mais do que o triplo da agua caída em Lisboa. — Esta differença se manteve com a maior regularidade no decurso de todo o mez, dando exactamente em cada uma das tres decadas, ou de 10 em 10 dias, sempre um pouco mais do que o triplo. — Uma tão notavel differença confirma os prodigiosos effeitos da influencia das localidades e dos arvoredos, relativamente á frescura dos climas.

Phenomenos notaveis. — No 1.º deste mez houve um terrivel furacão em Calcutá, que fez naufragar grande numero de embarcações, e entre estas o navio inglez Protector, com 250 pessoas que todas pereceram.

Anno de 1839.

Dezembro de 1833, primeiro mez do inverno de 1839.

Temperatura média das madrugadas	42 ⁰ ,5	[4 $\frac{1}{2}$ R].
D. ^a ás horas de maior calor	54,7	[10].
D. ^a média do mez	48,6	[7 $\frac{1}{2}$].
Variação média diurna	12,2	[5 $\frac{1}{2}$].
Maior variação	16	[7] a 31.
Menor	2	[1] a 23.
Maior frio	31 ⁰ [$\frac{1}{2}$] a 31. — Maior calor	65 [15 ⁰] no 1.º
Barometro. — Maior altura	767	[30,2 P] a 31.
Menor	752	[29,6] a 10.
Média	760,9	[29,96].

Estado da atmospheria e quadras dominantes. — Foram 7 bem distinctas; a saber, a 1.^a de 1 a 3, tepida, humida, e ventos brandos do SO.; 2.^a de 4 a 8, fria de manhã, e ventos brandos de NO. a NE. — 3.^a de 9 a 15, temperatura muito fria, ar secco, e ventos mui rijos de NE., com o ceu claro, e o barometro baixo. — 4.^a de 16 a 17, fria, humida, e chuvas abundantes com bonança de vento. — 5.^a de 18 a 21, temperatura muito fria, ar humido, e ceu claro. — 6.^a de 22 a 25, tepida, humida, brandos chuviscos, e ventos variaveis e brandos. — 7.^a de 26 a 31, temperatura muito fria, geadas nocturnas, e gelo no dia 31; ar muito secco, e ventos brandos de NE. — Segue-se pois que na sua generalidade foi este mez frio, relativamente á sua temperatura normal deduzida das observações antecedentes, e que é de 50⁰,6; a qual representa com pouca differença a temperatura de Outubro em París, e a de Setembro em S. Petersburgo. Foi egualmente pouco chuvoso, caíndo apenas 43 m. [1,6 P] em 7 dias de chuvas,

o que equivale a metade da agua dos annos regulares; a saber, 13 dias de chuva, e 86 m. [3,2 P].

Observações de Cintra. — O pluviometro da *Trindade* recolheu, em 9 dias de chuvas, 130 m. [4,8 P] exactamente o triplo da chuva de Lisboa, rectificando as observações dos mezes antecedentes. — Houveram muitas geadas, frios vivos, e ventos mui rijos.

Phenomenos notaveis. — Na noite de 24 para 25 desfeixa uma terrivel tempestade sobre as costas da Biscaia; algumas embarcações naufragaram em frente de Bilbao, perdendo-se muitas vidas e fazendas. Em Lisboa nesse mesmo dia sopraram ventos brandos do SO. com pouca chuva. — No decurso deste mez aconteceram numerosos naufragios na costa de Inglaterra, por effeito das muitas tempestades que alli houveram, avaliando-se em mais de 200 as embarcações que soffreram desastres. — Na Russia ameaça ser tão rigoroso como o de 1812, pois no principio deste mez já o thermometro tinha chegado a 22^o Réaumur abaixo do gêlo, nas provincias do Caucaso. São tanto mais notaveis as tempestades do canal da Mancha, por isso mesmo que se não fizeram sensiveis nas costas de Portugal, decorrendo em geral este mez com ventos brandos, soprando apenas com violencia o de NE., a 6, 9, 10, e 11.

Resultados agronomicos, ou juizo sobre as diversas produções obtidas neste anno.

Cereaes de toda a especie. Mediana colheita nos baixos, e boa nos altos, sendo mais productivas as sementeiras serodias do que as temporãs. — *Milho*, em geral abundante. — *Feijão e ervilhas*, abundantes — *Pastagens*, muito escassas no inverno, pelo que houve grande perda de gado novo, e miudo: no verão foram abundantes, e por isso teve compensação o grande prejuizo antecedente. — *Porcos*, houve muita abundancia, e no mercado de Lisboa em geral se venderam pelo baixo preço de 2 \$ 600 a 2 \$ 800 a arroba. — *Montados* de azinho foi mais escassa a sua produção, e pelo contrario abundantissima a dos sobros. — *Abelhas*, as copiosas chuvas do inverno fizeram perecer grande numero d' enxames, impedindo que saíssem em busca de alimento, e pelo mesmo motivo não poderam sair na primavera os novos enxames, e por isso foi escassa a colheita de mel e cera. — *Fructas de carozo*; foram de muito má qualidade, e escassas nos contornos da capital, ainda que em outras partes foram abundantes, mas sempre mal sasonadas. — *Fructas de espinho*. Colheita ordinaria e de mediana qualidade. — *Vinho*, colheita escassa que não chegou aos dois terços da mediana, e de má qualidade. — *Azeite*, abundante na Estremadura, e escasso no Alentejo. — Em geral todos os productos da agricultura obtiveram baixos preços no mercado, e sem proporção alguma com o alto preço dos jornaes exigido pelos trabalhadores.

BARCOHEBAS OU O FALSO MESSIAS.

BARCOHEBAS, ou mais correctamente, Simhéon Bar-Cochba, fez por muitos annos o papel de Messias, no 2.^o seculo da era christã. As idéas grosseiras, e o sentido material e positivo que os judeus davam aos livros do antigo Testamento, e que os fizera desprezar o verdadeiro Messias, porque não vinha armado da espada de conquistador para sujeitar os povos, mas da verdade e da mansidão para os convencer, deram aso a que se aguissem as inspições de um embusteiro, que os arrcressou em um abysmo de desgraças.

Os israelitas, sectarios da lei de Moysés, não eram menos odiosos para os romanos que os discipulos de Christo; e a perseguição, no tempo de Trajano, era tão grande contra uns como contra outros. No anno de J. C. de 108, depois de uma expedição contra os parthos, em que houve causas para a má vontade do imperador subir de ponto, a ancia de perseguir os judeus ainda se tornou mais violenta. Excitou a oppressão algumas revoltas entre elles: em Chypre, em Cyrene, e em muitas outras cidades, d'onde o imperador, de novo em guerra com os parthos, tinha tirado as guarnições, os hebreus revoltosos mataram milhares de gregos. Pelo mesmo tempo um alevantamento de judeus rebentou na Mesopotamia, excitado por um certo Rabbi-Akiba, que se dizia precursor do Messias, cuja vinda annunciava na pessoa de Bar-Cochebas. Foi suscitada esta revolta por Lucio Quieto, governador da Judea, que mandou matar avultado numero de rabinos nas cidades do norte, principalmente em Chalcis. No anno de 118, imperando Adriano, successor de Trajano, Quieto cedeu o governo da Judea a J. Annio Rufo, homem severo, que levou os judeus a summo grau de exasperação. Proveram-se escondidamente d'armas, e no anno 130, voltando Adriano da sua viagem no oriente, a revolução rebentou.

Era a ponto a conjunctura para Simeão Bar-Cochebas. Conhecido já pela pregação e martyrio dos seus discipulos, bastou-lhe apparecer para os alevantados o fazerem seu cabeça. Chamava-se Bar-Cochba, filho da estrella, e applicava a si a prophacia de Balaam: "Uma estrella sairá de Jacob, e um sceptro se alevantará do seio d'Israel." Pelos seus fingidos milagres, e pelo seu valor nos combates, os judeus o reconheceram pelo esperado Messias, e se uniram a elle. Todavia, pelo que toca aos milagres, o celebre sabio hebreu Maimonides diz que nunca os fizera "Não é cousa que deva entrar na cabeça de ninguem — diz o douto rabbino — que o rei Messias seja obrigado a fazer milagres. Até isso não conviria, como se colhe do exemplo do grande e sabio Rabbi-Akiba, um dos famosos varões do Michnah, e escudeiro do rei Ben-Koziba [Barcochebas] que elle dizia ser o rei Messias. E com todos os homens prudentes da sua geração o tomou verdadeiramente pelo rei Messias, até Ben-Koziba morrer no seu peccado. . . . ora os homens prudentes não exigiram de Ben-Koziba, nem signaes, nem milagres."

Os judeus, sectarios de Bar-Cochba, cujo numero augmentava rapidamente, coroaram de fortificações os cumes das montanhas e dos outeiros; fizeram deposito d'armas em armazens subterraneos, e principiaram a mover guerra guerreada, ou de guerrilhas, aos romanos. No anno 132, Jerusalem, abandonada pelos seus defensores, se entregou a Barcochebas. Este successo accrescentou a ousadia aos israelitas, por tal modo que Rufo não pôde mais resistir: 50 logares fortificados e 985 aldeas caíram nas mãos dos alevantados. Fabricavam-se já em Jerusalem moedas, tendo no verso o nome de Barcochebas, e no reverso esta lenda: *Liberdade de Jerusalem*. O alemão Munter entende até que os judeus começaram a reedificar o templo; mas é mais provavel que isto ficasse tão sómente em projecto, e que a execução nunca se pozesse por obra, em consequencia dos acontecimentos que se seguiram.

Entretanto o imperador mandou vir da Bretanha, onde andava, Julio Severo, o mais habil general que tinha, e enviou-o á Palestina. Neste meio tempo, a força dos rebeldes havia augmentado. O general romana esquivon-se constantemente a dar uma batalha; tomou successivamente grande numero de po-

voações, e poz finalmente cerco a Jerusalem, de que se assenhoreou. Mas nos assaltos perdeu muita gente, por isso, em vingança, destruiu a cidade. Então os judeus concentraram as suas forças na montanha fortificada de Béthar, juncto de Béthoron, ao noroeste de Jerusalem. Nestas fortificações, enquanto Severo acabava de subjugar a Judea, Bar-Cochba conservou tres annos a auctoridade real e o titulo de Messias. Foi alli que elle condemnou á morte o sabio Eleazar de Moden, por suspeitas de querer entregar aos romanos a fortaleza. Segundo o Talmud, o campo de Béthar foi accommettido, e levado de assalto no nono dia do mez *ab*, que era o anniversario da destruição do templo de Jerusalem por Tito. Diz-se que 580:000 judeus morreram neste desastre; mas tal numero parece exaggerado. O proprio Bar-Cochba acabou pelejando, e a sua cabeça foi levada em triumpho pelo acampamento romano. Akiba, e muitos outros rabinos, tidos em conta de cabeças da revolta, foram condemnados ao ultimo supplicio.

A morte de Bar-Cochba poz termo á crença dos judeus na sua missão divina. Considerando que elle fôra a causa de tamanha desventura, em lugar do nome de Bar-Cochba, *filho da estrella*, começaram a denomina-lo Ben-Koziba, *filho da mentira*. — *Extraído de Jost: Allgemeine Geschichte des Israelitischen Volkes.*



MULHER DA CIDADE DE MECA.

No centro d'um valle fundo, fechado por montanhas escarpadas, está Meca, antiga capital da Arabia, e hoje o centro da religião mahometana, aonde concorrem em peregrinação os sectarios de Mafoma,

como os christãos a Jerusalem, a venerar a *sancta Kaaba*, templo principal do islamismo. Pela affluencia dos peregrinos se sustenta a cidade, que terá actualmente uns trinta mil visinhos. Anda muito exaggerada a magnificencia do templo da Meca: um europeu, que teve a habilidade de se inculcar aos arabes por adorador do *propheta*, conseguiu examina-lo miudamente, e diz o seguinte. — A grande mesquita de Meca, chamada a *Casa de Deus*, ou *el Haram*, é notavel unicamente por comprehender a Kaaba. Entra-se n'um atrio espaçoso, cercado de quatro ordens de columnas, junctas por meio d'arcarias de volta esguia, donde pendem lampiões, alguns dos quaes se accendem á noite, e todos durante a festa do Ramadão. As columnas, rematadas por pequenas cúpulas, teem trinta palmos de alto, e são umas de marmore branco, outras de granito, ou de porphydo. No meio do pateo ergue-se a Kaaba, que é assim chamada por sua fórmula quadrada, e tem entrada por sete corredores bastante largos. É coberta com uma armação de seda preta, onde, em letras d'ouro, se lê o symbolo de fé musulmano. "Deus é Deus e Mafoma o seu propheta." O uso de cobrir a Kaaba existia antes de Mahomet entre os arabes idolatras. Ao lado da Kaaba, e juncto á porta argentea, está encaixilhada a celebre pedra negra, com a superficie mui polida e gasta pelos beijos repetidos de milhões de peregrinos; foi trazida para alli, dizem elles, pelo anjo Gabriel, e era onde Abraham costumava assentar-se durante a edificação do *sanctuario*. Em frente das quatro faces do monumento surgem quatro pequenos edificios, onde habitam os *imans* dos quatro differentes ritos musulmanos, e ensinam as resas de suas respectivas seitas. Antes de Mahomet, havia no assento que occupa a Kaaba um templo celebre, ponto central religioso de todas as tribus da Arabia; Mahomet o destruiu e os 360 idolos perante quem faziam sacrificios de carneiros e camelos. A porta da Kaaba só se abre tres vezes no anno; a primeira aos homens, a segunda ás mulheres, e a terceira para a limpar. Os peregrinos que chegam dão sete voltas á roda della, resando suas orações, e beijando-a de cada vez; os quatro primeiros giros devem ser feitos á desfilada, em commemoração do propheta; porque Mahomet, para desmentir seus inimigos que espalharam o estar perigosamente doente, deitou-se a correr com toda a força quatro vezes ao redor da Kaaba.

N'um sitio da mesquita grande está o poço de Zemzem, cuja agua amargosa e salobra bebem os peregrinos, e usam della nas abluções.

Este poço, dizem *os crentes*, foi aberto milagrosamente pelo anjo do Senhor, em beneficio d'Agar, quando expulsa de casa d'Abraham estava a ponto de morrer á sede com seu filho Ismael. Quando um romeiro d'alta jerarchia chega a Meca, assenta-se-lhe o nome no livro mestre do capataz do poço de Zemzem; e logo este incumbe a um servo que leve agua ao viajante, o que se executa diariamente com a maior pontualidade. Independentemente das bilhas que vão para as pousadas dos ricos, os aguadeiros do Zemzem vagueiam a toda a hora pelo templo a vender e distribuir a agua: costuma-se estender no atrio uma infinidade d'esteirões, e em frente destes põe-se uma correnteza de bilhas meias-cheias. As pessoas que alli tomam assento acham aquelle piedoso refresco, que é summamente vantajoso sob um clima abrasador, e attrae muito povo ao templo, ainda antes da hora das resas.

A Kaaba tem um cabeça principal chamado *xequel el háram*. São os guardas e principaes criados do serviço da casa de Deus quarenta eunuchos pre-

tos, que trazem por distinctivo, por cima dos vestidos ordinarios, uma camisola de panno branco d'algodão, amarrada com um cinto, um enorme turbante tambem branco, e uma varinha na mão. Mas que prodigioso numero o dos outros empregados do templo!... Limpa-candieiros, atigadores, servos de Ibrahim, da casa, de cada logar dos quatro ritos, porteiros, criados das torres da mesquita, imans, cantores, o cadi, o monkis ou observador do sol para annunciar a hora da oração, o mufti, os guias &c.; emfim são innumeraveis; póde dizer-se que metade dos habitantes de Meca são empregados, ou serventes do templo, e não teem outro salario senão as esmolas dos peregrinos: por isso quando chega um destes, todos se afervoram para o servir, todos mostram o maior empenho porque se salve, e fazem quanto podem para lhe abrir as portas do ceu. Em outro tempo, numerosas caravanas sustentavam com suas despesas os habitantes de Meca; porem hoje que a chusma dos romeiros diminuiu, e o numero dos empregados é sempre o mesmo, as practicas religiosas saem mais caras aos fieis: todos os empregados os assaltam, e é forçoso largar sommas consideraveis em esmolas e gratificações; até os peregrinos mais pobres, os que fazem sua romagem a expensas da caridade publica, teem de deixar alguns tostões. Antigamente todos estes fanaticos tinham que correr muitas estações pias, o que rendia muito para os serventes da Kaaba, porém as tribus inimigas arrasaram tudo: a mesquita e capella onde nasceu o propheta, a paragem onde recebeu a primeira revelação do ceu, a casa de Abutaleb, onde passou parte da vida, o sitio onde pousou a milagrosa pedra negra, as capellas de Fatima, filha do propheta, as de Sidi-Mahmud e de outros sanctos da sua veneração, já não existem. Os peregrinos são por consequencia privados do merecimento espirital, que adquiriam visitando estes logares; e os moradores da cidade perderam os bens temporaes que lhes provinham de taes actos de devoção.

Meca entre os arabes goza de titulos pomposissimos, como *Om el Kara* [a mãe das cidades], a nobre, e sublime, a patria dos fieis: é aberta por todos os lados, e só defendida por uma fortaleza de construcção grosseira, onde reside o xarife. As ruas são em geral regulares, e areadas; todas as casas, edificadas solidamente de pedras, teem as frontarias guarnecidas de pinturas e rodapés, que lhes dão graciosa apparencia. As peregrinações da Meca formam seis ou sete caravanas; a de Damasco ou da Syria, conduzida por um pachá, a do Egypto, commandada por um bey, a dos arabes de Berberia, que se reune á da Syria alguns dias de caminho antes de chegar a Meca, as outras quatro saem de Bagdad e paizes circumvisinhos, sem contar a multidão de romeiros da India, da Java, da Samatra, e até dos sertões da Nubia. Tão brilhante e jovial é o aspecto d'uma caravana no começo, tão lastimoso e lugubre é o espectáculo que apresenta no fim: ás fadigas supportadas durante uma longa jornada seguem-se as tristes consequencias dos máus alimentos e das pousadas doentias; estas causas, e algumas vezes a absoluta falta de viveres, enchem as mesquitas de moribundos, que pedem ahí ser transportados para se curarem com a vista da Kaaba.

Está escripto nos livros sagrados dos arabes que o dedjal, isto é o ante-christo, nunca entrará em Meca. "O dedjal [diz o historiador arabe Zahak] não terá barba, porém grandes bigodes, terá duas varas de comprimento de cara, oitenta varas d'altura e trinta de largura entre os hombros; os seus trajos e os jaezes do seu cavallo serão de ouro; trará uma

corôa de diamantes na cabeça e uma acha d'armas na mão; o seu arco será persa como a lingua que ha-de fallar: toda a terra lhe será submissa; todas as portas se lhe abrirão, excepto as das quatro mesquitas de Meca, de Medina, de Jerusalem, e do Monte Sinai." — Abdallah refere a mesma tradição; e no Alcorão lê-se o seguinte. — "Não cessareis de luctar contra os infieis até combaterdes as tropas do ante-christo nas margens do Jordão, occupando vós a margem occidental e ellas a oriental. Jesus, o enviado de Deus, pegará em tres pedras; ao tomar a primeira dirá: em nome do Deus d'Abraham; á segunda — em nome do Deus d'Isaac; á terceira — em nome do Deus de Jacob. Acompanhado dos fieis sairá ao encontro do ante-christo e o ferirá successivamente entre os olhos com as tres pedras, elle cairá por terra e acaba-lo-hão de matar." — Por esta amostra se poderá ajuizar da extravagante mistura que das idéas biblicas fizeram com as tradições vulgares os compiladores do Alcorão.

Não ha talvez cidade musulmana, onde as artes sejam tão desconhecidas como em Meca, e ás sciencias lhes aconteça outro tanto; todo o saber limita-se á leitura do Alcorão. Os habitantes aprendem desde a tenra infancia as regras e ceremonias da romaria á *casa de Deus*, a fim de poderem, ainda muito novos, ganhar dinheiro guiando os peregrinos; ha rapazes de 6 annos que já preenchem estas funcções. Em Meca não ha escholas; apenas alguns doutores da lei, por capricho, vaidade, ou engodo d'alguma paga, se assentam nas galerias do Haram a lêr em voz alta, para chamar ouvintes que lhes façam roda. Tal é o unico meio d'instrucção que se topa na *cidade sancta*; de que resulta serem seus visinhos os mais ignorantes dos homens, para o que contribue não pouco a situação da cidade. Edificada no meio do deserto, não passa por Meca estrada alguma: a Arabia é toda cercada de mares, e separada do continente por uma vasta e inhospita solidão; portanto o centro desta peninsula não póde ser uma linha de communicação entre os paizes circumvisinhos, para onde se póde ir mais facil e seguramente por mar. Meca tambem não póde ser uma praça commercial; collocada n'um paiz arido e bravio, os seus habitantes não podem ser cultivadores, nem pastores; que recurso pois lhes restará para subsistirem?... A força das armas que obriga os outros povos a darem-lhes parte das suas produções, ou o entusiasmo religioso que incita os estranhos a virem deixar o seu dinheiro nesta terra. No tempo dos califas, reunidos estes dois meios fizeram de Meca uma cidade opulenta; porém antes e depois desta epocha de seu lustre, só o fanatismo musulmano a sustentava; mas como o entusiasmo dos crentes esfria de dia para dia, a povoação está reduzida a uma existencia precaria, como estava antes da missão do propheta embaidor. Comtudo Meca foi sempre o fóco da devoção de varios povos; a origem das romarias e a fundação primitiva do seu templo sóbe a grandissima antiguidade, e parece anterior ás epochas historicas. Mahomet derribou os idolos, que, segundo elle, manchavam a *casa de Deus*; o Coran ou Alcorão confirmou a peregrinação, e assim a piedade dos outros povos tem feito viver os de Meca.

O arabe por sua natureza é geralmente de constituição sêcca; porém os habitantes de Meca sobretudo são uns verdadeiros esqueletos ambulantes com um pergaminho pegado aos ossos. Isto não é exaggeração; é impossivel, sem o auxilio dos olhos, formar idéa d'um ajunctamento d'homens tão magros e descarnados, como os que servem no templo; parece até incrivel que estes esqueletos, ou estas sombras, pos-

sam ter-se em pé. Póde dizer-se que todos são estrangeiros, ou oriundos d'estrangeiros, á excepção de alguns de raça beduina, e de meia duzia de descendentes de Mahomet. Todavia esta população mixta tem o mesmo aspecto, adoptou os mesmos costumes e o mesmo traje. Gozam as mulheres, em Meca, de mais liberdade que em outra qualquer cidade musulmana; talvez que na epocha do grande esplendor desta terra a nimia affluencia d'estrangeiros contribuisse para as perverter, e que a final a miseria e tristeza habitual dos habitantes fizesse com que para isso olhassem indifferentemente; porquanto a opulencia e a pobreza são os dois extremos egualmente oppostos á conservação de costumes antigos e da sua primitiva severidade. Algumas destas mulheres cobrem a cara, á moda do Egypto, com um veu que tem dois buracos para verem, ás vezes tamanhos, que metade do rosto fica patente; porém a maior parte já anda sem veu. Todas trazem uma capa de laivos azues e brancos, e amantillam-se com muita graça, porém ao ver-lhes a cara desvanecese toda a illusão, porque a enlambusam, assim como as mãos, com preto, azul, ou amarello, causando nausea a quem as vê, ao passo que os naturaes teem isto por exquisita belleza; riscam tambem na pelle desenhos indeleveis, e pintam a orbita dos olhos de negro, os dentes d'amarello, e as mãos de vermelho; imagine portanto qualquer quão diabolico é semelhante contraste. O seu vestido consiste n'umas calças larguissimas que entram dentro dos pantufos ou dos botins; as pobres as usam de panno de algodão azul, e as ricas de riscados da India. Além disto trazem uma camisa do tamanho e feitio mais extravagante. Faça-se idéa d'um pedaço de panno quasi quadrado de nove palmos de largo e quasi oito de alto; pois ahí está metade da camisa; a outra metade é outro equal pedaço: unem-se estes dois bocados, deixando uma abertura para metter a cabeça, e fazer um decote; a porção inferior fica solta, só ajustada á cintura, e cae sobre as pantalonas. Enro-dilham na cabeça um lenço em fórma de turbante; trazem nas mãos e braços anneis e braceletes; algumas usam de collares e outros insignificantes dizes, e eis-aqui todo o seu vestuario e enfeites, como representa a estampa. As mulheres beduinas, ou do interior do paiz, ainda as mais abastadas, simplesmente trazem uma camisa comprida d'algodão azul, um veu vermelho, e um immenso capote de panno de laã preto. O traje dos homens compõe-se da toga ou cafetan turco, um exterior, outro interior mais leve, de um par de ceroulas e outro de pantufos. O arabe beduino traz por cima de tudo um capote sem mangas com duas aberturas para metter os braços. Cobrem a cabeça com lenços em fórma de turbantes.

Em geral toda a riqueza de qualquer dos habitantes das visinhanças, wehabis, beduinos, e arabes, reduz-se a um camello, e algumas cabeças de gado miudo. Vivendo em barracas e tendas, sem outros moveis senão algumas escudelas, uma caldeira, uma bilha e sua taça de barro, uma esteira que serve de cama, e duas pedras para moer o grão, quando o teem, que meios fornecerá ao commercio esta gente com tão limitadas precisões? Os historiadores celebram a nobreza da nação arabe, que não curvára a cabeça ao jugo dos gregos e dos romanos; é porém esta uma consequencia falsa tirada dos acontecimentos. Se a Arabia teve a felicidade de manter-se isenta de todo o dominio estranho, deve esta vantagem mais á natureza do paiz que á valentia de seus filhos. Qual seria o capitão, que quiereria sacrificar homens e dinheiro para conquistar vastos desertos,

e tribus dispersas sem o menor vinculo de união?... O paiz é o que dissemos; debalde se procurará em Meca e em seus arredores cousa que se pareça com um prado, e ainda menos com um jardim; arêa e pedras, eis-aqui o unico beneficio que lhe prodigalisou a natureza: não se semeia grão algum, porque o chão ingratisimo não corresponderia aos trabalhos do cultivador, a terra recusa até aquellas produções espontaneas de que n'outras partes é tão liberal; finalmente só ha tres ou quatro arvores no sitio onde estava a casa d'Abutaleb, tio de Mahomet. Situada dois grãos para dentro da zona torrida, esta cidade tem por dois mezes e meio o sol perpendicular; ajuncte-se a isto a sua posição n'um valle arcento, circumdado de serras escavadas, sem que haja um rio, uma corrente, uma fonte de agua viva, e formar-se-ha idéa dos calores ardentés que alli reinam. Comtudo os poetas orientaes, inclinados sempre a hyperboles, cantaram a doçura do clima, a pompa das paizagens, e as delicias da residencia na *cidade sancta* da sua crença religiosa; porém cousas são estas que só na imaginação de taes poetas existiram, e o viajante chega tisnado ás portas de Meca, e acha só agua salôbra para refrigerio, verdade é que é sanctificada, mas como nem todos pertencem á mesma communhão, nem todos lhe encontram as mesmas virtudes.

A MORTE DO LIDADOR.

1170

IV

Como uma longa fita de muitas cores, recamada de fios d'ouro, e reflectindo ao longe mil accidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavalleiros arabes sobresaía na veiga entre as searas pallidas que cubriam o campo: defronte delles os trinta cavalleiros portuguezes, com trezentos homens d'armas, pagens, e escudeiros, cubertos de seus escuros saios de malha, de seus bacinetes lisos, e lanças em riste, esperavam o brado de accommetter. Quem visse aquelle punhado de christãos, diante da copia d'infiéis que os esperavam, diria que, não com brios de cavalleiros, mas com fervor de martyres, se offereciam a desesperado trance. Porém não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a tempera das espadas e lanças portuguezas, e a rijeza dos braços que as meneavam. De um contra dez devia ser o eminente combate; mas se havia ahí algum coração que batesse descompassado, algumas faces descoradas, não era entre os companheiros do Lidador.

Pouco a pouco a planura que separava as duas hostes se tinha embebido debaixo dos pés dos cavallos, como no torculo se embebe a folha de papel saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas: o Lidador bradára Sanctiago; e o nome de Allah soára em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, baulçadas por violento terremoto, desabando, não fariam mais ruido, ao bater em pedaços uma contra a outra, que este recontro de infiéis e christãos: as lanças topando em cheio nos escudos tiravam delles um som profundo, que se misturava com o estallar de muitas, que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro muitos cavalleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derrubado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas, e traspassou o peito com o ferro de sua grossa lança.

Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a

espada, e gritou ao Lidador, que perto d'elle estava:

“Senhor Gonçalo Mendes, alli tendes, no peito daquelle perro, aberta a séteira por onde eu, velha dona assentada á lareira, costume vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar como alcateia de vilões do cimo da torre de menagem.”

O Lidador não lhe pôde responder: quando Mem Moniz pronunciava as ultimas palavras, elle topara em cheio com o terrivel Almoleimar. As lanças dos dois contendores se haviam feito pedaços, e o alfange do mouro se cruzou com a boa espada de Damasco do fronteiro de Beja.

Como duas torres de sete seculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavallos: as faces pallidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a immobilidade que dá, nos grandes perigos, o habito de os afrontar: mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os signaes de um valor colerico e impetuoso: cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversario. O Lidador o recebeu no escudo, onde o alfange se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar, entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a boa espada de Damasco desceu, faiscando, pelo coxote do mouro, que já desencravara o alfange. Tal foi a primeira saudação dos dois cavalleiros inimigos.

“Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnez. Veremos agora se no teu capello de ferro se embotam os fios deste alfange.”

Isto disse Almoleimar, dando uma risada; e a sua cimitarra bateu em cima do elmo do Lidador, com a mesma violencia com que bate no fundo do vale penedo desconforme desprendido do pincaro da montanha.

O fronteiro vacillou; deu um gemido, e os braços lhe ficaram pendentes: a boa espada de Damasco teria caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavalleiro por uma grossa cadeia de ferro: o ginete, sentindo as redeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha a todo o galope.

Mas o Lidador tornou em si: uma forte soffreada avisou o ginete de que seu senhor não morrerá. A redea solta lá volta o fronteiro de Beja; escorre-lhe o sangue, involto em escuma, pelos cantos da boca: traz os olhos torvos d'ira: ai de Almoleimar!

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre christãos e mouros: os dois contendores se viram, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro: as espadas reluziram no ar: mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu á violenta estocada; e o sangue, saindo ás golfadas, cortou a última maldicção do agareno.

Mas a espada deste tambem não errára o golpe: vibrada com ancia, colhêra pelo hombro esquerdo o velho fronteiro, e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrára na carne até o osso; e ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue arabe.

“Perro maldicto! — Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que o seu capello de ferro!”

E, dizendo isto, o Lidador caíu amortecido: um dos seus homens de armas voou a soccorre-lo; mas o ultimo golpe d'Almoleimar fôra um brado da sepultura para o fronteiro de Beja: os ossos do hombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes

rasgadas lhe pendiam em farrapos para um e outro lado.

V

Entretanto os mouros íam de vencida: Mem Moniz, D. Ligel, Godinho Fafez, Gomes Mendes Gedeão, e os outros cavalleiros daquelle lustrosa companhia tinham practicado maravilhosas façanhas. Mas entre todos se tornava notavel o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, cuberto de pó, suor e sangue, pelejava a pé; que seu ginete fouveiro e agigantado caíra morto de muitos tiros de frecha e lanças. De roda d'elle não se viam se não cadaveres e membros destroncados, por cima dos quaes trepavam, para logo recuarem ou baquearem no chão, os mais ousados cavalleiros arabes. Como um promontorio erguido e alcantilado, Lourenço Viegas estava immovel e sobranceiro no meio do embate daquelle vagas de pelejadores, que vinham esmigalhar-se contra o terrivel montante do filho de Egas Moniz.

Quando o fronteiro caíu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes pelejavam ainda á roda do cadaver de seu capitão. O Lidador tinha sido posto em cima d'umas andas, feitas de troncos e franças de arvores; e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que comsigo trouxera, o haviam transportado para a çaga da cavalgada. O tinir dos golpes era já mui frouxo, e sumia-se no som dos gemidos, pragas, e lamentos, que soltavam os feridos derramados pela veiga ensanguentada. Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e damno, a victoria não saíra barata aos portuguezes: viam perigosamente ferido seu velho capitão, e tinham perdido alguns cavalleiros de conta, e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pagens.

Foi neste ponto que ao longe se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rapida para o logar da peleja: mais perto, aquelle turbilhão rareou, vomitando do seio um basto esquadrão de arabes: os mouros que fugiam, deram volta e gritaram:

“Alboazem! Tangere! — Só Deus é Deus, e Mafoma o seu propheta!”

Era, com effeito, Alboazem, rei de Tangere, que estava com seu exercito sobre Mertola, e que viera com mil cavalleiros em soccorro de Almoleimar.

VI

Cansados do largo combater, reduzidos a muito menos de metade em numero, e cubertos de feridas, os cavalleiros de Christo invocaram seu nome, e fizeram o signal da cruz. O Lidador perguntou, com voz fraca, a um pagem, que estava ao pé das andas, que nova revolta era aquella.

“Os mouros foram soccorridos por um grosso esquadrão: respondeu tristemente o pagem. “A Virgem Maria nos acuda, que os senhores cavalleiros parecem já recuar.”

O Lidador cerrou os dentes com força, e levou a mão á cincta. Buscava a sua boa espada de Damasco.

“Pagem, quero um cavallo. Onde está a minha espada?”

“Aqui a tenho, senhor. Mas estaes tão quebrado de forças! . . .”

“Silencio! — A espada, e um bom ginete.”

O pagem deu-lhe a espada, e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com elle, o Lidador, pallido e cuberto de sangue, estava em pé, e dizia, fallando comsigo:

“Por Sanctiago, que não morrerei, como villão de Behetria, onde entrou cavalgada de mouros!”

E o pagem o ajudou a montar a cavallo.

Ei-lo vai o velho Fronteiro de Béja! — Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de finados: debaixo de muitos pannos involtos no braço esquerdo levava a propria morte; nos fios da espada, que o direito mal sustinha, levava porventura ainda a morte de muitos outros!

VII

Para onde mais travada e accesa andava a peleja se encaminhou o Lidador: os christãos affrouxavam diante daquella multidão d'infieis, entre os quaes mal se enxergavam as cruces vermelhas pintadas nos elmos dos portuguezes. Dois cavalleiros, porém, com vulto feroz, os olhos torvados de colera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o pezo da batalha. Eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o Fronteiro assim os viu offerecidos a certa morte, algumas lagrymas lhe caíram pelas faces, e esporeando o ginete, com a espada erguida abriu caminho por entre infieis e christãos, e chegou aonde os dois, cada um com seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

“ Bem vindo, Gonçalo Mendes! — disse Mem Moniz. — Quizeste assistir comnosco a esta festa de morte? Vergonha era, de feito, que estivesse fazendo teu passamento, com todo o repouso, deitado lá na çaga, em quanto eu, velha dona, espreito os mouros, com meu sobrinho, juncto desta lareira”

“ Implacaveis sois vós outros, cavalleiros de Ribadouro — respondeu o Lidador em voz sumida — que não perdoaes uma palavra sem malicia. Lembra-te Mem Moniz de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz.”

“ Velhos sois; bem o mostraes! — acudiu o Espadeiro. — Não cureis de vaãs porfias, mas de morrer como valentes. Demos nestes perros, que não ousam chegar-se a nós. Ávante, e Sanctiago!”

“ Ávante e Sanctiago! — responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: — e os tres cavalleiros deram rijamente nos mouros.

VIII

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mez de Julho de 1170 se deram na veiga da frontaria de Béja, nota-los-ha por fabulas sonhadas; porque nós homens corruptos e enfraquecidos por ocios e prazeres de vida afeminada, medimos por nosso animo e forças as forças e animo dos bons cavalleiros portuguezes do seculo dôze; e todavia esses golpes ainda soam atravez das eras, nas tradições e chronicas, tanto christãos, como agarenas.

Depois de deixar assignadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrára pela ultima vez a boa espada de Damasco, e abríra o elmo e o craneo de um cavalleiro arabe: o violento aballo que soffreu, lhe fez rebentar em torrentes o sangue da ferida, que recebêra das mãos de Almoleimar, e cerrando os olhos, caiu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz, e de Affonso Hermiguez de Bayão que com elles se ajunctára. Repousou finalmente Gonçalo Mendes da Maia de oitenta annos de combates!

Já a este tempo christãos e mouros se haviam descido dos cavallo, e pelejavam a pé. Traziam-se assim á vontade, e recrescia a crueza da batalha. Entre os cavalleiros de Béja se espalhou logo a nova da morte de seu capitão; e não houve ahí olhos que ficassem enxutos: o despeito do proprio Mem Moniz deu lugar á dor, e o velho de Riça-Douro exclamou, entre soluços:

“ Gonçalo Mendes, és morto: nós todos quantos aqui somos, não tardará que te sigamos; mas a menos, nem tu, nem nós, ficaremos sem vingança!”

“ Vingança!” bradou o Espadeiro, com voz rouca, e rangendo horriavelmente os dentes: — deu alguns passos, e viu-se o seu montante reluzir, como uma centelha em ceu procelloso.

Era Alboazem: Lourenço Viegas o conhecêra pelo timbre real do morrião.

IX

Se já vivestes vida de combates, em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto negro, que em linha diagonal corta os ares, sussurrando e gemendo: rapido, como um pensamento criminoso em alma honesta, elle chegou das nuvens á terra, antes que vos lembrasseis do seu nome. Se encontrou na passagem angulo de torre secular, o marmore se converte em pó: se atravessou pelas ramas de arvore basta e frondosa, a folha mais virente e fragil, o raminho mais tenro é dividido, como se com cutello subtilissimo mão de homem lhe houvera cercado attentamente uma parte: e todavia não é um ferro açacalado: é um globo de ferro; é a bomba, que passa, como a maldição de Deus. Depois, debaixo della, o chão achata-se, e a terra espadana aos ares; e como agitada, despedaçada por cem mil demonios, aquella machina do inferno estoura, e de roda della ha um zumbir sinistro; são mil fragmentos; são mil mortes que se derramam ao longe: então faz-se um grande silencio, e apoz o silencio veem-se corpos destroncados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouve-se gemer de feridos, e o estertor de moribundos

Tal desceu o montante do Espadeiro, bóto já de milhares de golpes, que o cavalleiro tinha descarregado: o elmo de Alboazem fiseou, voando em pedaços pelos ares, e o ferro christão, esmigalhando o craneo do infiel, abriu-o até os dentes. Alboazem caiu.

“ Lidador! Lidador!” disse Lourenço Viegas, com a voz comprimida. As lagrymas se lhe misturavam nas faces com o suor, o pó, e o sangue do agareno de que ficou cuberto. Não pôde dizer mais nada.

Tão espantoso golpe atterrou os mouros: os portuguezes seriam já apenas sessenta entre cavalleiros e homens d'armas; mas pelejavam como desesperados, e resolidos a morrer. Mais de mil inimigos juncaavam o campo d'involta com os christãos. A morte de Alboazem foi o signal da fugida.

Os portuguezes, senhores do campo, celebravam com prantos a victoria: poucos havia que não estivessem feridos; nenhum que não tivesse as armas falsadas e rôtas: o cadaver do Lidador, e os de mais alguns cavalleiros de grande conta que naquella jornada tinham acabado, atravessados em cima de ginetes, foram conduzidos a Béja. Apoz aquelle tristissimo prestito iam os cavalleiros a passo lento, e um sacerdote templario, que fóra na cavalgada, com a espada cheia de sangue mettida na bainha psalmeava em voz baixa aquellas palavras do livro da Sabedoria:

“ *Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis.*”

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.